



Convite à leitura:

galo, máquina e a ditadura militar brasileira no realismo mágico de José J. Veiga

BIANCA ZAENE

CAPA

Gerada por “Mídia Mágica”, ferramenta de inteligência artificial do Canva, em 27/02/2024.

Texto e diagramação: Bianca Zaene Rodrigues Mota.

Revisão: Moab Cesar Carvalho Costa

Esse *ebook* foi desenvolvido como produto do Mestrado Profissional em História – UEMA, sob a orientação da Prof Dr. Moab Cesar Carvalho Costa.

Mota, Bianca Zaene Rodrigues.

Convite à leitura: galo, máquina e a ditadura militar brasileira no realismo mágico de José J. Veiga / Bianca Zaene Rodrigues Mota. – São Luís, 2024. 41 f.

Produto Educacional da Dissertação “Máquinas, muros e o galo impertinente: o realismo mágico literário de José J. Veiga na reflexão acerca da ditadura militar no Brasil e proposta didática para ensino de história”.

Orientação do Prof. Dr. Moab César Carvalho Costa.

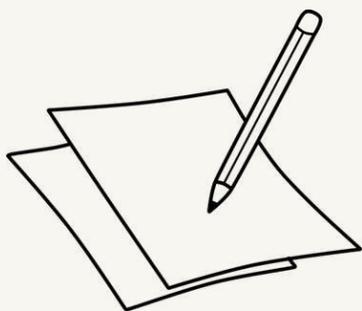
1. Ensino de História. 2. Realismo mágico. 3. Ditadura Militar. 4. Literatura. I.Título.

CDU 82:94(81).088

Sumário

| | |
|---|------------------|
| <u>1</u> Apresentação..... | <u>1</u> |
| <u>2</u> Por que usar literatura nas aulas de história? | <u>3</u> |
| <u>3</u> Literatura & ditadura militar..... | <u>6</u> |
| <u>4</u> Sugestões para o uso da literatura nas aulas sobre ditadura militar | <u>8</u> |
| <u>5</u> Propostas de sequências didáticas..... | <u>10</u> |
| O Realismo Mágico..... | 10 |
| O autor..... | 11 |
| As obras | 12 |
| De olho nos conceitos | 13 |
| Sequência didática 1..... | 15 |
| Sequência didática 2 | 21 |
| Sequência didática 3 | 36 |





Apresentação

Caro Professor(a),

O material que você tem em mãos propõe a utilização da literatura como recurso no ensino de história quanto ao conteúdo da ditadura militar. O ensino do tópico está previsto nas temáticas do 9º ano do ensino fundamental, conforme a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). O material é fruto da pesquisa realizada no Mestrado Profissional em História (PPGHIST) da UEMA e visa apresentar os potenciais do uso da linguagem literária nas aulas de história sobre o período ditatorial, propondo formas de relacionar um texto literário e conteúdos de história.

A ditadura militar brasileira ocorrida após o golpe de 1964 foi um período autoritário que ainda se reflete em nosso tempo, sendo alvo de embates, narrativas e lutas pela memória que se demonstram em meios de convivência e redes sociais. A educação histórica escolar tem o papel, nesse sentido, de manter viva a memória do período apontando as consequências do autoritarismo.

Aos alunos esse ensino possibilita conhecerem e identificarem as violências da ditadura. Também permite discutir os discursos de modernização autoritária que foram utilizados como meio de permanência no poder, em contraste com os efeitos sociais e econômicos das políticas empreendidas a partir do golpe.

O ensino de história, assim, oferece aos alunos um meio para conhecerem o passado autoritário do país e é instrumento na construção de uma sociedade que preze por valores democráticos.

Sendo um tema sensível e que envolve responsabilidade ao ser trabalhado em sala, a opção pelo uso de narrativas literárias agrega ao ensino sobre ditadura por propiciarem uma experiência imersiva e sensível, própria da literatura. Dessa forma, propomos aqui um convite à leitura, valorizando a literatura como produção artística e também guardiã de memórias, que proporciona um espaço de reflexão sobre a sociedade e período em que foi produzida.

Da autora.

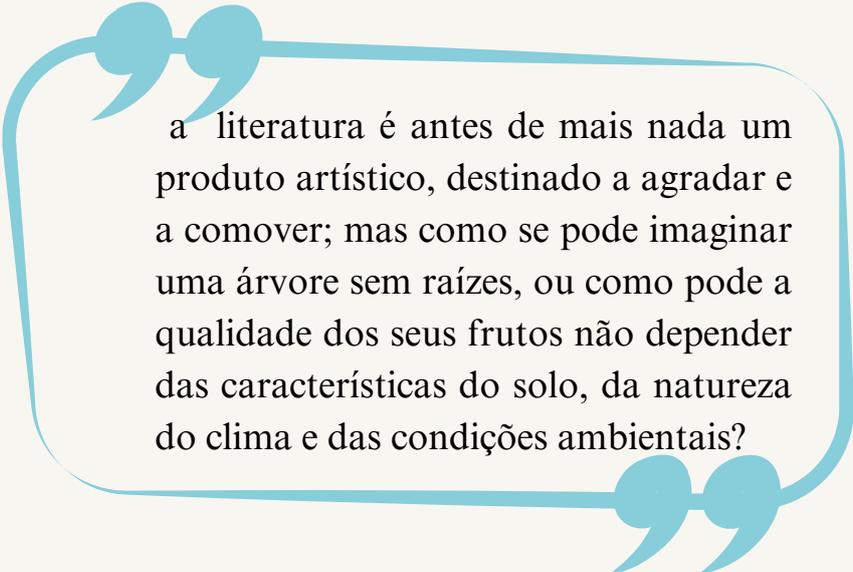
POR QUE USAR LITERATURA NAS AULAS DE HISTÓRIA?

Em sala de aula aproximamos os estudantes da prática de investigação histórica ao usarmos atividades com fontes históricas: documentos escritos, imagens, vestígios arqueológicos etc.. Assim, a linguagem literária no ensino de história proporciona uma experiência enriquecedora que contribui em diversos aspectos na construção do conhecimento histórico.

Segundo o historiador Joan Pagès Blanch (2013, p.34): “Qualquer parte da realidade, qualquer período histórico, qualquer cultura pode ser objeto de estudo por meio das fontes literárias.”. Mas quais são suas contribuições para o ensino de história?

Se outras fontes e documentos se reportam a fatos, trazendo evidências que constroem debates em torno de acontecimentos e do conhecimento histórico, a literatura produzida por uma sociedade traz representações de ideias, situações e experiências diante de determinadas realidades.

Nas palavras de Nicolau Sevcenko (2003, p. 29):



a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?

Assim, na literatura as situações vivenciadas por personagens proporcionam ao leitor, em nosso caso o estudante, a identificação com a situação narrada. A literatura é, então, uma fonte frutífera para proporcionar discussões e reflexões em torno de temáticas, já os fatos literários dentro de uma narrativa conversam com a realidade dos fatos históricos. É nesse sentido que Antonio Candido (2004) considera o acesso à literatura enquanto um direito básico humano.

Diante da questão: “Por que usar a literatura em aulas sobre a ditadura militar?”, é possível apontar que a narrativa literária proporciona uma experiência para além dos fatos, exercita a empatia e esses são aspectos essenciais no ensino da temática. Seja na ficção histórica, em narrativas metafóricas ou na literatura testemunhal e memorialística a literatura ajuda na leitura e interpretação da realidade e, assim, ao conhecimento histórico. Em uma perspectiva interdisciplinar o diálogo entre literatura e história amplia a leitura subjetiva da realidade.

No ensino, a leitura e compreensão fazem parte do processo de construção de um raciocínio ou ideia. No caso das narrativas literárias, estas ajudam a construir o imaginário acerca de um período, alimentam o repertório cultural, agregam a outras fontes, proporcionam empatia em relação às situações, personagens e temas, funcionam como um espelho onde o narrado pode se refletir na realidade e na própria vivência do estudante, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de sua consciência histórica.

Voltada para o ensino sobre ditadura militar, a leitura dirigida de narrativas do período, ou sobre este, pode proporcionar reflexões sobre como reconhecer e conceituar o autoritarismo, a ditadura, a repressão e ainda fazer pensar os papéis sociais nesses contextos, discussões estas essenciais para o conhecimento e ensino de história do Brasil.



LITERATURA & HISTÓRIA DA DITADURA

Há diversos tipos de literatura a serem tomadas como fonte. Os livros escritos em um momento histórico podem ser associados a questões sociais e históricas do período. Mesmo livros escritos posteriormente que tenham conteúdos e temáticas, que remetem a um momento histórico ou retratam situações deste, possibilitam a discussão a partir da obra ou de trechos desta.

Abaixo há a seleção de algumas obras literárias que podem ser usadas no ensino da temática ditadura militar. O guia de obras disponibilizado aqui pode lhe ajudar na escolha, a depender do seu objetivo.

FICÇÃO AUTOBIOGRÁFICA

Relatos de pessoas que viveram o período e descreveram sua atuação na luta armada, as torturas e violências a que foram submetidos.

Possibilidade de trabalhar o tema das guerrilhas e da resistência armada durante a ditadura.

- *O que é isso, companheiro?* (1979) - Fernando Gabeira
- *Os carbonários* (1998) - Alfredo Sirkis
- *Em câmara lenta* (1977) - Renato Tapajós

FICÇÃO HISTÓRICA

Obra publicada durante ou após a ditadura cuja narrativa é ambientada ou aborda o período em questão.

Possibilidade de discutir sobre a sociedade do período, o cotidiano, os movimentos estudantis, sobre a institucionalização da repressão, tortura e sobre os desaparecidos do regime.

- *As Meninas* (1973) - Lygia Fagundes Telles
- *Quarup* (1967) - Antonio Callado
- *Pessach: a travessia* (1967) - Carlos Heitor Cony
- *K: Relato de uma busca* (2014)- Bernardo Kucinski

FICÇÃO ALEGÓRICA

Obra publicada durante ou após a ditadura cuja narrativa é ambientada ou aborda o período em questão em perspectiva alegórica.

Obra com características fantásticas como leitura metafórica do período.

- *Incidente em Antares* (1971) - Erico Veríssimo
- *Sombras de Reis Barbudos* (1972) - José J. Veiga
- *A Estranha Máquina Extraviada* (1967) - José J. Veiga,
- *Os Tambores Silenciosos* (1977) - Josué Guimarães.

SUGESTÕES PARA O USO DA LITERATURA NAS AULAS SOBRE DITADURA MILITAR

01 Planejamento da aula



Definir o tema e objetivo: Definição da temática que deseja abordar utilizando literatura: O golpe, a ditadura, a repressão política, a luta armada, movimentos estudantis?

É importante alinhamento dos objetivos para o uso do texto escolhido e definir o que se espera que o aluno perceba ali.

02 Definir como a linguagem literária irá ser utilizada.



Algumas opções são:

- Uso para a introdução e problematização de um tema.
- Na construção e desenvolvimento da temática e conteúdo.
- Uso para reforçar, exemplificar ou aplicar conceitos e temas trabalhados

03 Na leitura do texto



Apresentar a literatura escolhida aos estudantes

- Tipo de obra (conto, novela, etc.).
- Autor ; Contexto ou ano de publicação.
- Características da obra (gênero, narrador, linguagem, ambientação).
- Contextualizar o porquê da leitura daquela obra para o conteúdo trabalhado.

A leitura por todos é importante

A depender das especificidades de cada grupo de alunos e da escolha do professor a leitura pode ser individual ou coletiva, Podem ser formadas duplas ou trios. Pode, também, ser realizada como trabalho para casa com discussão em sala.

04 Direcionamento da leitura



Uma forma de direcionar a leitura é fazer questões que o aluno deve responder durante ou após a leitura. As perguntas direcionadas ao tema escolhido auxiliam na conexão da narrativa com o conteúdo histórico que se deseja discutir a partir dela.

05 Discussão

Momento de trazer as perguntas para diálogo e debate. Ouvir os alunos e conduzir as conexões com o tema proposto.

06 Atividades

Podem ser elaboradas atividades que visem comparar as narrativas literárias a outras fontes históricas, sejam fotográficas, depoimentos, relatos, biografias, reportagens, documentários, filmes etc.

PROPOSTAS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

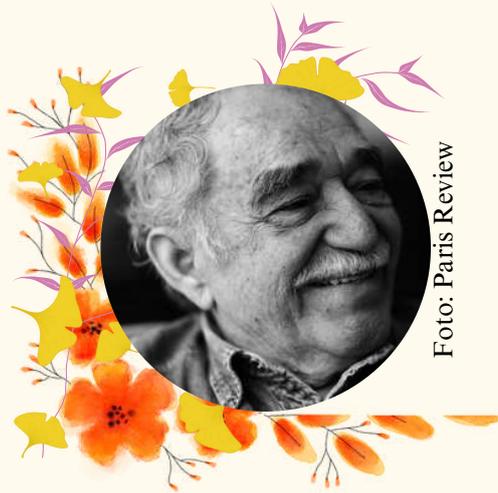
A seguir, propomos sequências didáticas utilizando obras parte do realismo mágico brasileiro.

O Realismo Mágico

O gênero do realismo mágico se refere a literatura latino-americana publicada a partir da década de 1940 que reuniam características realistas mescladas ao fantástico. Por meio dessas obras escritores de várias nações se aprofundaram em temas relacionados à herança colonial e à realidade histórica, social e cultural do continente. O auge do gênero foi o *boom* literário da década de 1960, em meio ao contexto de golpes e ditaduras na região.

Por meio de suas metáforas, alegorias e da invasão do insólito na normalidade do cotidiano, as narrativas do gênero demonstrariam as violências, arbitrariedade e absurdos de seu tempo. Nesse sentido o realismo mágico é apontado no contexto de ditaduras como “um lugar seguro de resistência e preservação da memória de tempos sombrios” (Maia, 2016, p.372-373).

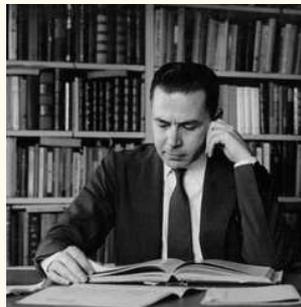
Gabriel García Márquez com seu romance *Cem Anos de Solidão* (1967) se tornou marco do realismo mágico latino-americano.



Outros autores expoentes do gênero são Alejo Carpentier, Miguel Ángel Asturias, Guillermo Cabrera Infante, Juan Rulfo, Juan Carlos Onetti, Julio Cortázar e Isabel Allende.

No Brasil, José J. Veiga juntamente com Murilo Rubião são representantes do realismo mágico.

O autor: José J. Veiga



José J. Veiga (1915-1999) foi um autor e jornalista nascido no interior do Goiás, sendo conhecido por sua literatura insólita ou fantástica. Suas obras são ambientadas em pequenas cidades interioranas e tematizam sobre infância, autoritarismo e modernização.

Em suas histórias os limites da realidade e da fantasia são explorados, abordando a modernidade e o autoritarismo em contos e romances, perpassando aspectos sociais e políticos dos desenrolares do século XX.

As obras

SOMBRAS DE REIS BARBUDOS (ROMANCE)

Sombras de Reis Barbudos (1972) é um curto romance narrado em tom memorialístico pelo adolescente Lucas que recorda as mudanças ocorridas numa cidade fictícia com a chegada da Companhia de Melhoramentos de Taitara. A empresa chega com promessas de crescimento e empregos até o momento da expulsão do fundador, tio Baltazar, e da ação da companhia como um órgão autoritário que passa a impor regras absurdas e medo sob a população.

O GALO IMPERTINENTE (CONTO)

O Galo Impertinente (1967) é um conto do livro *A Estranha Máquina Extraviada* sobre a construção grandiosa de uma estrada no interior do país que, mesmo após inaugurada, não pode ser usada pela população graças a aparição insólita de um galo gigante.

A MÁQUINA EXTRAVIADA (CONTO)

O conto *A Máquina Extraviada* (1967), também do livro *A Estranha Máquina Extraviada*, inicia-se com a chegada de uma máquina como uma grande novidade no sertão. A máquina muda a dinâmica da comunidade para seu entorno mas sua utilidade permanece um mistério.

Alguns conceitos históricos são pertinentes nas discussões das obras e na associação com a temática da ditadura militar. A lista a seguir visa servir de guia para a consulta ao longo da aplicação da sequências didáticas.

De olho nos conceitos

As definições utilizadas são adaptadas do **Dicionário de Conceitos Históricos** de Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva (2009)

Ditadura: Apesar de existirem diferentes formas de ditadura no mundo contemporâneo, algumas características básicas são compartilhadas por todas: o cerceamento de direitos políticos e individuais, a ampla utilização da força pelo Estado contra sua própria sociedade e o fortalecimento do poder executivo em detrimento dos outros poderes.

Democracia: Democracia é uma forma de governo que tem como característica básica a escolha dos governantes pelo povo.

Golpe de Estado: Golpe de Estado é um movimento realizado contra uma Constituição, um fenômeno político quase sempre de caráter violento, uma ação radical contra a ordem vigente. É por natureza subversivo, construído na clandestinidade, preparado com considerável antecedência e planejamento.

Modernização: É um conjunto amplo de modificações nas estruturas sociais do Ocidente, a partir de um processo longo de racionalização da vida. Essa racionalização se expressa em ações dos homens e da relação entre estes e a natureza, que permitisse maior eficiência científica nas esferas de produção de bens e de administração política, o que seria possível com a técnica e a tecnologia.

Violência: A violência é uma fonte para a compreensão das mudanças nas estratégias de controle social de determinadas sociedades, vindo a função política dos castigos e sua mudança ao longo da história. Precisamos enfatizar o caráter violento do processo histórico nos regimes ditatoriais, que usam da tortura física e psicológica, entre outras diversas formas de repressão.

Militarismo: Essa militarização acontece quando os militares ocupam o poder do Estado e definem um projeto político para o governo da Nação. Assumem, dessa forma, a gerência da totalidade de aspectos civis da sociedade: a política, a economia e até mesmo a cultura. A ditadura militar no Brasil pós-1964 é um exemplo clássico desse militarismo, quando as Forças Armadas assumiram funções e papel de partido político. No caso brasileiro, os militares dominaram o governo federal baseados na Doutrina de Segurança Nacional, que preconizava a defesa da soberania do país com base na intervenção militar em todos os âmbitos da vida social e permitia a perseguição daqueles que “ameaçassem” essa soberania.

Memória: Segundo Jacques Le Goff, a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. O próprio esquecimento é também um aspecto relevante para a compreensão da memória de grupos e comunidades, pois muitas vezes é voluntário, indicando a vontade do grupo de ocultar determinados fatos. Assim, a memória coletiva reelabora constantemente os fatos. Na memória o principal é a reação que o fato causa no indivíduo, ela recupera o que está submerso, seja do indivíduo, seja do grupo, e a História trabalha com o que a sociedade trouxe a público.

Sequência didática I

Vizualização das etapas sugeridas

Tema

Modernização, desenvolvimentismo e a ditadura militar.

Objetivos

Discutir projetos de modernização no período ditatorial, seu alcance e consequências.

Materiais

- Cópias do conto “O galo impertinente” ou disponibilização prévia em PDF.
- Fotografias da transamazônica.
- Quadro branco, pincel.

Etapas

1º Momento – Problematização
2º Momento – Leitura do conto e análise guiada por questões.
3º Momento – Discussão da leitura
4º Momento – Atividade relacionando o conto a temática de modernização empreendida na região amazônica.

Duração

A sugestão é de 4 aulas de 50 minutos para desenvolvimento da sequência. O professor pode adaptar à sua realidade e ao tempo disponível.

BNCC

Unidade temática:

Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946.

Habilidades

(EF09HI17) Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946.

(EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

1º Momento - Problemática

Iniciar com a questão: O que significa modernizar?

Após conversar com os alunos sobre a questão, apresentar o conceito escrevendo no quadro ou projetando.

Definição de modernizar: É “um conjunto amplo de modificações nas estruturas sociais do Ocidente, a partir de um processo longo de racionalização da vida”.

Essa racionalização se expressa em “ações dos homens e da relação entre estes e a natureza, que permitisse maior eficiência científica nas esferas de produção de bens e de administração política, o que seria possível com a técnica e a tecnologia”.

Fonte: *Dicionário de conceitos históricos*

Leitura do conto

Como guia da leitura sugere-se as seguintes questões:

Qual o tema do conto? A situação do conto parece absurda para vocês? O que exatamente? Por quê? Para que usamos estradas? Em regiões interioranas, qual a importância das estradas? Em uma floresta densa, qual o processo de se construir uma estrada? Qual o modo de vida de comunidades que vivem próximo às florestas? Construir uma estrada nessas localidades pressupõe ou não uma relação com esses habitantes? Como a estrada foi usada no conto para beneficiar a imagem do governo? A estrada foi útil aquela população? Algo parecido já ocorreu no Brasil?

2º momento – Comparação com imagem da transamazônica

Nesse momento projetar a imagem da transamazônica aos estudantes, caso haja projetor. Na falta de recursos a imagem pode ser impressa fixada no quadro.

Dar espaço para que os estudantes descrevam a imagem e teorizem sobre onde ela fica e o período da fotografia.

Imagens para exibir ao alunos



Transamazônica inauguração em 1974. Fonte das imagens: *Folha de São Paulo*, 2016

Imagens para exibir ao alunos



Placa símbolo da abertura da rodovia Transamazônica-Altamira-PA -BR-230.

3º momento - Contextualização histórica

Explicar que se trata da rodovia transamazônica, um exemplo de obra faraônica construída no governo Médici sob o discurso de ocupar um Brasil "desabitado", explorar suas riquezas e transmitir a ideia de alcance nacional do progresso.

É importante comentar a ausência de um plano de fato e de uma estrada perfeita, ideal e grandiosa apenas no discurso. Não houve planejamento da viabilidade econômica e ambiental para a construção. E os efeitos foram diversos para as comunidades locais e os aspectos ambientais.

O(A) professor(a) nesse momento faz a contextualização do processo de modernização do Brasil. Comentar a tentativa de integração da região norte ao resto país, iniciada na década de 1950 e 1960 e usada, junto ao discurso de progresso, na propaganda da ditadura militar. Destacar o período de governo do ditador Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) e a ideia de um “milagre econômico”, a promoção de discursos desenvolvimentistas traduzido nos lemas: “Integrar para não entregar” e “Brasil Grande-Potência”.

Discussão

Comparações entre a construção da estrada no conto lido e o projeto de modernização da ditadura militar a partir das questões apresentadas inicialmente.

- Evidenciar a situação absurda do conto (o galo, a impossibilidade de usar a estrada).
- Explicar o uso do realismo mágico envolto na construção da estrada e comparar com caso da transamazônica.
- Expor imagens mais recentes de trechos da transamazônica, nunca concluídos e comparar com os ocorridos do conto.



Trecho da transamazônica (Fonte: Dnit/Ministério da Infraestrutura (2022))

4º momento - Atividades propostas

- **Comparações entre a transamazônica e a narrativa:**

Aplicar conceitos e temas da discussão construindo um quadro comparativo entre o ocorrido do conto e o caso da transamazônica. A produção pode ser conduzida pelas seguintes questões: Que fim levou esses projetos? Quais as consequências da construção? Quantos anos levaram suas construções?

O trabalho de comparação pode ser feito em grupos, divididos à escolha do (a) professor (a). Por fim devesse traçar paralelos com o desfecho do conto.

- **Produção de uma reportagem jornalística:** escrita de reportagem a partir dos acontecimentos do conto utilizando a ideia de discurso de progresso e modernização e enfatizando o absurdo dos acontecimentos.

Sugestões de artigos para leitura

MALLMANN, Vinicius Henrique. **O Brasil grande potência como construção discursiva: o governo do General Médici (1969 – 1974)**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/207187>. Acesso em: 11 set. 2023.

MONÇÃO MIRANDA, C. B. . Ditadura militar e Amazônia: as promessas desenvolvimentistas de um governo autoritário. In: **VI Encontro de Pesquisa em História da UFMG**, 2017, Belo Horizonte. Anais eletrônicos VI EPHIS. Belo Horizonte: Camila Barbosa Monção Miranda, 2017. v. 1. p. 448-458.

Sequência didática II

Vizualização das etapas sugeridas

Tema

Ditadura, repressão e memória a partir da leitura de Sombras de Reis Barbudos (1972) de José J. Veiga.

Objetivos

- Discutir os conceitos de ditadura e de Golpe de Estado.
- Identificar características da repressão ditatorial.
- Comparar elementos narrativos aos documentos AI-1, AI-5 e relatos autobiográficos.

Materiais

- Cópias de trechos de SRB ou disponibilização prévia em PDF.
- Quadro branco, pincel.

Descrição metodológica

1º Momento: Trechos para discutir o conceito de ditadura e a ideia de golpe de Estado.

2º Momento: Trechos para discutir sobre repressão política.

3º Momento: Trechos para discutir sobre a importância da memória sobre o período ditatorial.

Duração

Para o desenvolvimento do conteúdo proposto o professor pode escolher trabalhar o conteúdo na ordem apresentada ou selecionar os temas que condizerem com seus objetivos. O(a) professor(a) pode adaptar à sua realidade e ao tempo disponível.

BNCC

Unidade temática:

Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946.

Habilidades

(EF09HI19) Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2



Orientações para trabalhar as Sequências didáticas a partir do livro *Sombras de Reis Barbudos*

Há diversas formas de utilizar um livro ao trabalhar um conteúdo. Se lido de maneira integral ao longo de um semestre ou durante o trabalho do conteúdo referente a temática ditadura militar, explora-se melhor o potencial temático de discussão.

Caso não seja possível essa leitura integral na realidade escolar do professor serão propostas discussões a partir de trechos selecionados com as respectivas temáticas a que se relacionam.

Em todos os casos é de suma importância que antes de ler trechos de maneira isolada, se apresente o autor, sinopse e contexto de publicação da obra.

Questões para nortear a leitura: O que é uma ditadura? E um golpe de Estado? Qual o objetivo da repressão política? Qual a importância de lembrar das violências ditatoriais?

1º Momento

Leitura de trechos dos capítulos 1 “A chegada”, 3 “A partida” e 4 “Muros, muros, muros”.



A partir dos trechos a seguir discutir:

- Paralelos com contexto do golpe de 1964 e os fatores envolvidos em como se deu a tomada de poder.
- Frisar o conceito de **ditadura** e os aspectos de **caça a direitos políticos**, censura ideológica, censura a liberdade de expressão, e anotar ocorrências disso na narrativa.

Capítulo 1

A chegada

Está bem, mãe. Vou fazer a sua vontade. Vou escrever a história do que aconteceu aqui desde a chegada de tio Baltazar. Sei que esse pedido insistente é um truque para me prender em casa, a senhora acha perigoso eu ficar andando por aí mesmo hoje, quando os fiscais já não fiscalizam com tanto rigor. Talvez seja mesmo uma boa maneira de passar, o tempo, já estou cansado de bater pernas pelos lugares de sempre e só ver essa tristeza de casas vazias, janelas e portas batendo ao vento, mato crescendo nos pátios antes tão bem tratados, lagartixas passeando atrevidas até em cima dos móveis, gambás fazendo ninho nos fogões apagados, se vingando do tempo em que corriam perigo até no fundo dos quintais. Pensei que ia ser fácil escrever a nossa história, estando os acontecimentos ainda vivos na minha lembrança. Mas foi só eu me sentar aqui, pegar o lápis e o caderno, e ficar parado sem saber como começar. [...] Será que eu estaria aqui escrevendo se tio Baltazar não tivesse vindo para cá com a idéia de fundar a Companhia? Não estou pensando que a culpa foi dele; a idéia era boa e entusiasmou todo mundo. Mas a história que vou contar começa mesmo é com a chegada de tio Baltazar. [...] Quem podia imaginar naquele tempo de alegria e festa que um sonho tão bonito ia degenerar nessa calamitosa Companhia Melhoramentos de Taitara?” [...]

“Anos depois na minha contagem, e apenas vinte e um meses nos assentamentos de tio Baltazar, a fábrica ficou pronta. A inauguração foi o momento mais importante de nossa vida até hoje. Nunca vi tanta alegria concentrada, e acho que nunca mais verei se ficar aqui. Temos uma fotografia grande da inauguração tirada por um fotógrafo da comitiva de Dr. Marcondes, todo mundo em pé numa plataforma armada no pátio. Mamãe e tia Dulce estão na primeira fila, as duas de chapéu e luvas, tia Dulce de braço com Dr. Marcondes e tio Baltazar, mamãe de braço com a manga vazia de tio Baltazar e comigo. Meu pai ficou no último lugar da ponta direita da fila porque chegou atrasado e não quis desmanchar a arrumação; e mal o fotógrafo bateu a chapa ele saiu correndo para continuar com as providências que faltavam para a festa. Meu pai vivia correndo naqueles dias; se ele soubesse para onde estava correndo teria moderado o passo.”

Disponível em: VEIGA, José J. *Sombras de Reis Barbudos*. 17ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 [1972], p.1-13.

Capítulo 3

A partida

“Em matéria de conforto e bem-estar até que a nossa vida ia melhorando. Primeiro meu pai comprou um ferro elétrico para mamãe passar a farda sem perigo de queimá-la com faíscas de carvão; depois comprou a geladeira; depois vieram os móveis novos para a sala, esse conjunto de armário, mesa e cadeiras em estilo mexicano que está aí, tudo isso em um ano só; e me acenou com uma bicicleta no Natal — se eu promettesse não acompanhar o farrancho dos meninos que andavam rabiscando coisas contra a Companhia nos muros.[...].

“— Foi bom você falar nisso — disse meu pai. — Acho melhor Lu desistir desse sonho de ser engenheiro. Mamãe estava pregando botões numa calça minha, parou o trabalho e perguntou alarmada:

— Desistir? Por que agora?

— É estudo para gente rica.

— Mas não é Baltazar quem vai ajudar? Ele não já prometeu?

— Prometeu mas pode não cumprir. Ninguém sabe o dia de amanhã.

— Ora que bobagem — falou mamãe aliviada. — Ele está moço ainda, e tem muito boa saúde, graças a Deus.

— Pode ser. Mas não é nisso que estou pensando.

— Então o quê? Acha que ele vai mudar de idéia?

— E se outras pessoas mudarem de idéia?

Não entendi, e vi que mamãe também não entendeu. Como podia a mudança de idéia de outras pessoas, fossem quem fossem, influir em nossa vida? Meu pai percebeu a nossa incredulidade, talvez a tivesse provocado para explicar:

— Eu estou dizendo é que outros podem mudar de idéia com o seu irmão.

— E se mudarem?

— Pode ir tudo por água abaixo.

— De que jeito?

— Pessoas influentes podem achar que ele não é tão competente assim. Fique sabendo, Vi, que nem tudo são flores lá na Companhia. Seu irmão Baltazar não manda sozinho. Não se assuste se as coisas mudarem.

Estava aí uma prova de que o ressentimento contra tio Baltazar já afetava o juízo de meu pai. Não passava pela cabeça de ninguém que outros pudessem mandar na Companhia mais do que tio Baltazar, ou contra a vontade dele. Olhei para mamãe, ela voltava a se ocupar com a calça, sinal de que ela também tinha percebido o absurdo. E falou tranquila:

— Desse susto não vamos morrer, Horácio. Ele vai mandar lá até quando não quiser mais.

— É? Então continue pensando assim. Mas você não sabe o que eu sei. Estou lá todo dia, vejo e escuto muita coisa. É bom a gente ir pondo as barbas de molho. Lu deve aprender um ofício, ou arranjar um emprego.

— O que é que você sabe de tão ruim contra Baltazar? — mamãe perguntou. Meu pai não respondeu, ela insistiu: — O que é que você sabe, Horácio?”

[...]

“Um dia vieram chamar a professora no meio do ensaio. Alguém conversou com ela em voz baixa no vão da porta. Depois ela entrou muito preocupada e nos dispensou. No momento não estranhei o excesso de gentilezas que ela teve comigo, até me acompanhou com o braço em meu ombro pelo corredor elogiando o meu jeito de representar.”

“Naquela mesma noite, enquanto mamãe e eu ficamos esperando a chegada de meu pai com a notícia do que havia acontecido na Companhia — e esperamos inutilmente porque ele só apareceu na manhã seguinte —, tia Dulce levava tio Baltazar muito doente para tratamento fora. Não deixaram bilhete nem recado de despedida, e foi muito bem feito para aprendermos a não ser ingratos. Tempos depois soubemos que o palacete, os móveis, as bebidas finas, os carros restantes e tudo mais estavam sendo vendidos por procuração. De meus tios não tivemos notícias por muito tempo.”

Capítulo 4

Muros, muros, muros

“Sem tio Baltazar a Companhia deixou de existir para nós. Meu pai continuava trabalhando lá, mas nem eu nem mamãe esperávamos que fosse por muito tempo. Logo nos primeiros dias do golpe muita gente ligada a tio Baltazar foi demitida em duas ou três penadas, e não havia motivo para meu pai ser poupado. Com certeza a demora era porque os novos chefes estavam futucando lá a ficha dele para ver se rendia algum outro castigo a mais, demissão só podia ser pouco para o cunhado do chefe antigo. Os dias de meu pai estavam contados, só ele não via.”

Disponível em: VEIGA, José J. *Sombras de Reis Barbudos*. 17ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 [1972], p.18-25.

Atividades propostas

Após a leitura do trecho propor uma discussão.

- Discutir e contrapor a ideia de **revolução** a partir do trabalho com os conceitos de **golpe de estado** e **ditadura**.
- Discutir similaridades, aproximações entre os trechos e o documento AI-1.
- Elaborar quadro comparativo entre o livro e o Ato institucional nº 1.

COMPARANDO COM FONTES



ATO INSTITUCIONAL Nº 1, DE 9 DE ABRIL DE 1964.

À NAÇÃO

[...] O Ato Institucional que é hoje editado pelos Comandantes-em-Chefe do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, em nome da revolução que se tornou vitoriosa com o apoio da Nação na sua quase totalidade, se destina a assegurar ao novo governo a ser instituído, os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil, de maneira a poder enfrentar, de modo direto e imediato, os graves e urgentes problemas de que depende a restauração da ordem interna e do prestígio internacional da nossa Pátria. A revolução vitoriosa necessita de se institucionalizar e se apressa pela sua institucionalização a limitar os plenos poderes de que efetivamente dispõe. [...]

Art. 7º - Ficam suspensas, por seis (6) meses, as garantias constitucionais ou legais de vitaliciedade e estabilidade.

§ 1º - Mediante investigação sumária, no prazo fixado neste artigo, os titulares dessas garantias poderão ser demitidos ou dispensados, ou ainda, com vencimentos e as vantagens proporcionais ao tempo de serviço, postos em disponibilidade, aposentados, transferidos para a reserva ou reformados, mediante atos do Comando Supremo da Revolução até a posse do Presidente da República e, depois da sua posse, por decreto presidencial ou, em se tratando de servidores estaduais, por decreto do governo do Estado, desde que tenham tentado contra a segurança do País, o regime democrático e a probidade da administração pública, sem prejuízo das sanções penais a que estejam sujeitos. [...]

Art. 10 - No interesse da paz e da honra nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, os Comandantes-em-Chefe, que editam o presente Ato, poderão suspender os direitos políticos pelo prazo de dez (10) anos e cassar mandatos legislativos federais, estaduais e municipais, excluída a apreciação judicial desses atos.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm. Acesso em: 05\01\2024

2º Momento

Discussão sobre a repressão ditatorial com a leitura de trechos dos capítulos 4 “Muros, muros, muros” e 5 “Cruzes horizontais”.

Questões para nortear a leitura: Destacar no debate a repressão e tortura como base da pirâmide do autoritarismo ditatorial. Comentar como a intimidação e depoimentos sob tortura foram considerados “válidos” pela justiça militar. Evidenciar que tais práticas resultaram em consequências físicas e psicológicas para as vítimas.

Aspectos de destaque nos trechos da sequência

Muros: Um dos episódios absurdos que caracterizam o realismo mágico na obra se inicia com o golpe e regras arbitrárias que não fazem sentido vindo de uma empresa e a aparição repentina de muros dividindo as ruas. Impossibilitando a comunicação de vizinhos, dificultando a locomoção dos passantes. Se materializa assim a obstrução do ir e vir, a liberdade é podada.

Os muros provocam confusão mental e isolamento, aumentando, assim, as dificuldades.

Farda: O pai de Lucas ao usar uma farda quando nenhum outro fiscal usa, utiliza do respeito que a farda impõe, e do artifício de medo que ela provoca. A farda pode remeter ainda ao militarismo (*ver seção “De olho nos conceitos”*).

Inqueritos e desaparecidos: Em torno de um abuso de poder e arbitrariedades exercidas por uma instituição que desviam suas funções e passa a exercer papel de autoridade política, a postura da mãe de preferir ficar “às cegas” e não saber o que de fato investigavam, fiscalizavam, o que era passível de punição mesmo que a narrativa dê a entender que ela sabe o sentido do que se trata, promove o esquecimento dos fatos e, portanto, qualquer censo da ilegalidade ou injustiça dos crimes da companhia.

Violência e repressão: Há punição e tortura para quem descumpra a regra de estar sobre a limitação dos muros. A configuração da tortura com alguns dos aparelhos que aparecem de punição é a costura dos dedos da mão, um ferro que impede as pernas de dobrarem, sacolas com pesos amarradas as mãos. Um limitação no movimento das pessoas.

Trechos que destacamos para discussão são:

Capítulo 4 Muros, muros, muros

“De repente os muros, esses muros. Da noite para o dia eles brotaram assim retos, curvos, quebrados, descendo, subindo, dividindo as ruas ao meio conforme o traçado, separando amigos, tapando vistas, escurecendo, abafando. Até hoje não sabemos se eles foram construídos aí mesmo nos lugares ou trazidos de longe já prontos e fincados aí. No princípio quebrávamos a cabeça para achar o caminho de uma rua à rua seguinte, e pensávamos que não íamos nos acostumar; hoje podemos transitar por toda parte até de olhos fechados, como se os muros não existissem.

Com tanto muro para encarar quando estávamos parados e rodear quando tínhamos de andar, a vida estava ficando cada dia mais difícil para todos, mas aqui em casa até que ainda não podíamos nos queixar. Além de não ser dispensado, meu pai ainda foi promovido a fiscal não sei de que, e parecia tão feliz como nos primeiros tempos da Companhia. Agora ele andava para cima e para baixo vestido com uma farda azul que mamãe penava para manter impecável, se descobrisse nela uma ruga ou mancha meu pai não a vestia enquanto o defeito não fosse corrigido, ele até arranjou uma lente grande para examinar a farda. A lembrança que tenho de mamãe naquele tempo é a de um fantasma despenteado em pé ao lado da mesa de passar, esfregando, esticando, engomando, e suspirando.

Aos poucos meu pai foi ganhando um respeito como nem tio Baltazar alcançou em seus grandes dias logo após a inauguração, quando as pessoas se atropelavam para receber um cumprimento dele na rua. Mas havia uma diferença: com meu pai não era aquele respeito espontâneo e desinteressado de quem quer apenas homenagear alguém por alguma coisa já feita; era a bajulação de quem tem medo de ser prejudicado em algum direito; como fiscal meu pai podia prejudicar ou beneficiar, os fiscais trabalhavam com carta branca e não podiam ser contestados.

E o pior era que esse respeito excessivo por meu pai estava se refletindo sobre mim. Meus colegas já evitavam me contrariar, tudo o que eu dizia ou propunha era apoiado mal eu acabava de falar, parecia que eu era uma espécie de chefe deles todos. Isto é, de todos não. Uns dois ou três, e justamente aqueles de quem eu mais gostava, não me batiam palmas sempre; mas em compensação iam ficando cada dia mais arredios, como se vissem em mim os sinais de alguma doença perigosa ou nojenta.

A culpa só podia ser daquela farda. Eu conhecia outros fiscais da Companhia, de vez em quando um grupo deles se reunia aqui para combinar serviço com meu pai e trocar informações, e nunca vi nenhum outro fardado. Se meu pai era o chefe deles, como às vezes parecia, por que só ele andava fardado? Não devia ser ao contrário, o chefe ter regalia de se vestir como quisesse? Um dia que meu pai chegou muito alegre, satisfeito mesmo da vida, criei coragem e fiz essa pergunta. Ele riu e respondeu:

— Sou obrigado não, Lu. Essa farda eu mesmo inventei. Impõe mais respeito.
— Girou para mostrar a farda.— Bonita, não é? Você precisa ver como a cambada me trata. Só faltam se mijar. Um dia vamos dar uma volta juntos para você ver.

Pensei em tio Baltazar paisano e aleijado e assim mesmo respeitado limpamente. Quando ele me chamava para um passeio, era um presente que eu nunca pensaria em recusar.

Para não ser apanhado para o tal passeio com meu pai eu entrei numa vida de sobressaltos. Quando chegava em casa e via o boné azul no cabide eu punha depressa os livros e cadernos na mesa e fingia muita atrapalhão com os deveres; ou então inventava dores aqui e ali, falta de ar, jeito no pé, o que me passasse pela cabeça. Como eu nunca fui de ficar doente à toa, mamãe logo percebeu e me ajudava. Nem brincar sossegado com meus companheiros eu podia mais, precisava ficar com um olho no brinquedo e outro atento para me esconder assim que a farda azulasse na esquina. Se a vida dos fiscais era trabalhosa, como meu pai às vezes dizia, a minha também não era nenhum mar de rosas.”[.]

Disponível em: VEIGA, José J. **Sombras de Reis Barbudos**. 17ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 [1972]., p.27-29 .

Não sei que espécie de fiscalização meu pai andava fazendo. Ele saía de manhã com um caderninho no bolso, à noite passava as anotações do caderno para fichas que tirava de maços guardados na gaveta. Uma vez por semana as fichas preenchidas, formando um maço preso com elástico, eram embrulhadas e levadas para a Companhia. Eu vivia imaginando meios de pegar o caderninho ou as fichas, mas meu pai não se distraía nunca, até parece que ele adivinhava a minha curiosidade. Um dia que mamãe desceu ao quintal para tratar das plantas, com jeito de quem ia demorar, aproveitei para fazer uma tentativa.

Apanhei uma faca e experimentei forçar a gaveta, como vi meu pai fazer uma vez em casa de tio Baltazar. Estava quase conseguindo quando mamãe apareceu de surpresa.

— Que coisa feia, Lu. Largue já essa faca. Não quero você fazendo papel de arrombador. Não tendo nenhuma desculpa a dar, confessei a verdade.

— Eu já vinha desconfiando. Mas nunca mais faça isso. O que está guardado aí não é da sua conta nem da minha.

Ainda desapontado perguntei se ela não tinha vontade de saber do que era que tratavam as fichas.

— Não tenho nenhuma. Às vezes é muito pior saber do que não saber. Do jeito que ela falou ficou parecendo que ela sabia, e a minha curiosidade aumentou.

Foi nessa época que nossa casa passou a ser procurada por bandos de mulheres chorosas com crianças nos braços, chegavam e ficavam amontoadas aí em frente esperando meu pai entrar ou sair. As crianças sujinhas e remelentas choravam o tempo todo, apanhavam, choravam mais. Quando meu pai aparecia as mulheres corriam para ele e o cercavam implorando o que não sei, a algazarra que faziam não deixava entender; ele ia abrindo caminho com brutalidade, empurrando, dando tapas que às vezes acertavam de mau jeito em uma criança, e gritando que saíssem da frente, que não tocassem na farda.

Perguntei a meu pai o que era que elas queriam, e por que o tanto choro. Ele deu de ombros e respondeu:

— Querem que eu faça o impossível. Por que não aconselharam os maridos a andarem na linha? Agora agüentem.

Vendo que nada conseguiam com meu pai as mulheres mudaram de tática e passaram a se apegar com mamãe, mostravam os filhos doentinhos, as pernas inchadas, as mãos maltratadas, falavam nos maridos que estariam sofrendo maus-tratos não sei onde, queriam que meu pai desse um jeito. Aflita, penalizada, quase chorando também, e sem poder fazer nada, mamãe corria lá dentro e voltava carregada de mantimentos para distribuir, umas aceitavam desapontadas, outras recusavam com raiva, diziam que não estavam pedindo esmola mas justiça.

[...]

Disponível em: VEIGA, José J. **Sombras de Reis Barbudos**. 17ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 [1972], p.31-32

Capítulo 5

Cruzes horizontais

“A Companhia devia saber o que estava fazendo porque apesar de todos os perigos algumas pessoas tentaram pular muro e foram agarradas antes mesmo de porem os pés do outro lado. Um menino gaguinho que sentava perto de mim na escola teve os dedos da mão direita costurados um no outro no hospital da Companhia e passava o tempo todo olhando para a mão como abobalhado. (Quem pensar que isso não incomoda experimente aguentar meia hora que seja com os dedos colados ou amarrados.) Outros voltaram do hospital com um aparelho de ferro atarraxado nas pernas para impedi-las de se dobrarem, outros voltaram com a mão metida numa espécie de sacola de couro presa no punho com um peso de muitos quilos dentro. Ainda bem que eu acreditei na proibição.

Outra proibição antipática foi a de rir em público. Não que andássemos rindo à toa, faltavam motivos para isso; mas era engraçado ver um fiscal correndo atrás de um urubu na rua (os fiscais tinham ordem de prendê-los), o urubu ora andando apressadinho, ora voando baixo, quebrando cangalha quando estava para ser alcançado, o fiscal dando o pulo com a mão estendida e se esborrachando no chão, enquanto o urubu ficava olhando de longe com cara de quem não entendeu a brincadeira. É claro que todo mundo ria, talvez nem tanto do fiscal, a situação é que era engraçada.

Mas um fiscal, homem ligado à Companhia e representante dela cá fora, não podia ser motivo de risadas na rua, e a proibição não demorou. [...]

Disponível em: VEIGA, José J. **Sombras de Reis Barbudos**. 17ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 [1972], p. 46-47

Atividades propostas

Após a leitura do trecho discutir pontos em destaque.

- Traçar paralelos com o AI-5.
- Propor o aprofundamento dos estudos sobre a repressão do período a partir de pesquisa sobre o **Projeto Brasil Nunca Mais**.
- Assistir vídeo reportagem recente sobre o tratamento do tema em discursos recentes.

COMPARANDO COM OUTRAS FONTES



Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968.

Art. 2º - O Presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por Ato Complementar, em estado de sítio ou fora dele, só voltando os mesmos a funcionar quando convocados pelo Presidente da República. [...]

Art. 5º - A suspensão dos direitos políticos, com base neste Ato, importa, simultaneamente, em: I – cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função; II – suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais; III – proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política; IV – aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança: a) liberdade vigiada; b) proibição de frequentar determinados lugares; c) domicílio determinado, [...]

Art. 10º – Fica suspensa a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm. Acesso em: 05\01\2024.

- **Pesquisa sobre iniciativa do Projeto Brasil Nunca Mais que a partir do testemunho de vítimas e análises de inqueritos apurou crimes contra os direitos humanos durante a ditadura militar.**

5º Parte Regime marcado por marcas da tortura. in: **Projeto Brasil: Nunca mais**. Petrópolis: Vozes, 1985. Disponível em: bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/.

Acesse também lendo o *QRcode* com o celular.



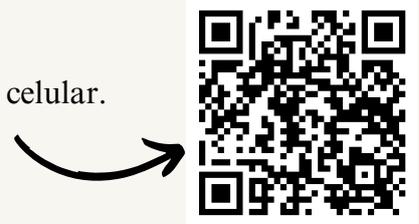
O tema ontem e hoje



Vídeo reportagem da CNN sobre áudios que revelam relatos de tortura na ditadura militar.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vHV5cZIbA0Y>.
18 de abril de 2022.

Acesse também lendo o *QRcode* com o celular.



3º Momento

Leitura do capítulo 9 “Das profundezas do céu”.

A partir dos trechos a seguir discutir:

- Enfoque na narrativa a partir das memórias do personagem principal para trabalhar aspectos de resistência e memória do período.
- Questões: o narrador da história participa da narrativa? Qual a importância do ato de escrever no livro? O que o voo significa na história?

Capítulo 9

Das profundezas do céu

“Hoje ninguém estranha, todo mundo está voando apesar da proibição, só não voa quem não quer ou não pode ou tem medo. Mas naqueles primeiros dias foi um deus-nos-acuda, parecia o fim do mundo. O povo corria de um lado para outro desatinado, as igrejas se encheram, pessoas que nunca se lembraram de rezar na vida disputavam violentamente uma vaga ao pé dos altares, e dizem que morreu gente de susto e de acidentes. Não vi muito o que se passou na cidade porque mamãe me proibiu de sair, e eu também não tive coragem de deixá-la sozinha.

A Companhia tentou fazer alguma coisa para conter a situação mas acabou se encolhendo. Dizem que muitos fiscais desertaram para o mato com medo de vinganças, e que os diretores também deixaram suas casas com toda a família, alguns para os terrenos cercados da Companhia, outros para lugares ignorados.

Depois de alguns dias a confusão e o pânico foram dando lugar a uma atitude mais serena porque nenhum dano estava vindo diretamente do céu. E quando soubemos que a Companhia estava tão ou mais apavorada do que nós, o medo desapareceu completamente. Deduzimos que se a novidade era ruim para a Companhia, tinha que ser boa para nós. Só então começamos a apreciar verdadeiramente o espetáculo.”

“Hoje estive na loja de Seu Chamun [...] Estava lá um senhor magro de olhos fundos vestido de branco falando com voz de corda grossa de violão.

Quando cheguei esse homem dizia com a maior naturalidade que não tem ninguém voando. Estranhei mas fiquei calado, podia ser alguma brincadeira entre os dois. Mas Seu Chamun falou perguntando:

— Então nós todos estamos malucos?

— Malucos propriamente não. Estamos sofrendo de uma alucinação coletiva.

— Explica isso, professor — pediu Seu Chamun apontando um lápis com o canivete, não sei se por necessidade mesmo ou se para mostrar desinteresse numa conversa tão absurda.

— Alucinação coletiva. Todo mundo pensa que está voando ou que está vendo outros voarem. Porque todo mundo deseja muito voar, quanto mais alto e mais longe melhor.

— Alucinação coletiva. É uma doença então?

— Não, não. Pelo contrário. É remédio.

Remédio. E serve para quê?

— Contra loucura, justamente.

Seu Chamun ficou calado, pensando ou simplesmente caprichando na apontação do lápis. Depois perguntou:

— E quando é que vamos parar de tomar esse remédio? Quero dizer, quando é que aqueles lá em cima vão voltar? Ou não voltam nunca mais?

— Voltam. Um dia voltam.

— Mas quando vai ser?

— Para a festa dos reis barbudos.”

Disponível em: VEIGA, José J. **Sombras de Reis Barbudos**. 17ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 [1972]., p. 131-136.

Atividades propostas

Sugere-se propor aos alunos que explorem a seção “personagens” do site memórias da ditadura e escolham alguns para montar um memorial. Como sugestão indicar figuras parte da história local como Manoel da Conceição.

Site: <https://memoriasdeditadura.org.br/acervo/personagens/>

Acesse também lendo o QRcode com o celular.



Sequência didática III

Vizualização das etapas sugeridas

Tema

Desenvolvimentismo e modernização

Objetivos

Contrastar as ideias de progresso e desenvolvimento vigentes na ditadura militar e sua efetividade.

Materiais

- Cópias do conto "A Máquina extraviada" ou disponibilização prévia em PDF.
- Quadro branco, pincel.

Etapas

1º Momento – Leitura do conto e análise guiada por questões.

2º Momento – Discussão da leitura

3º Momento – Atividade: Contrapor o fascínio dos projetos econômicos e fatos da imprensa

Duração

Duração: A sugestão é de 2 aulas de 50 minutos para desenvolvimento da sequência. O professor pode adaptar à sua realidade e ao tempo disponível.

BNCC

Unidade temática:

Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946.

Habilidades

(EF09HI17) Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946.

(EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

1º Momento

Leitura do conto e análise guiada por questões.

Como guia da leitura sugere-se as seguintes questões:

Em que lugar esse conto se passa? Parece uma cidade ou um ambiente rural? O que é essa máquina que chegou? Quem a mandou? O que se esperaria que uma máquina pudesse fazer? Para que podemos utilizar máquinas? Como os habitantes da cidade receberam a máquina? Que uso fizeram da máquina? A máquina foi útil de alguma forma para essas pessoas? Há algum motivo para a máquina ser tão respeitada pela população? O que é inesperado e estranho nesse conto?

2º Momento

Podem ser discutidos os tópicos a seguir:

- Sendo o tema do conto a cerimônia em torno de um objeto - a máquina - sem efetividade, sugere-se a partir das questões guiar a discussão em torno do discurso econômico predominante na ditadura militar.
- Discutir os temas da novidade e modernidade da máquina e a relação homem X máquina do conto.
- Comparar ao discurso econômico da ditadura e ao que foi chamado de “milagre econômico”.

- Quanto ao desfecho do conto, o mistério em torno da máquina e sua idealização, pode questionar-se no debate as consequências da industrialização para trabalhadores e para a população em geral.
- Como no conto a população brasileira esteve inerte durante as mudanças sociais e econômicas do período ditatorial?

Discutir também a propaganda em torno desses projetos econômicos. A propaganda a seguir pode ser um ponto de partida:



Revista Propaganda, fevereiro, 1976, p. 115. in: Castro Netto (2018)

Transcrição da propaganda: Em pouco tempo o Brasil vai passar de importador a autossuficiente em petróleo e fertilizantes. Pense no que isso significará para a nação. Em recursos para o desenvolvimento. Em incentivos para o investimento. Em mais indústrias e melhores serviços. Pense no que isso significará para você. Para a sua vida e os seus planos. Para o seu futuro. Não é ufanismo vazio, uma nova era está começando. Prepare-se para viver na mais nova potência do mundo. O país do futuro é aqui. E agora.

Atividade sugerida

- Contrapor o fascínio dos projetos econômicos.
- Traçar paralelos com projetos de desenvolvimentismo no Maranhão.
- Pesquisa sobre Projeto Grande Carajás e expansão agrícola no Sul do Maranhão durante a ditadura militar.
- Elaborar cartazes e tabelas com os projetos e suas consequências sociais.



Maranhão 66. Documentário/Curta-metragem dirigido por Glauber Rocha ,11 min, 1966. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hDRtFYjOtCY>

Documentário em que o cineasta Glauber Rocha registrou a posse de José Sarney como governador do Maranhão em 1966. Utilizando a estética do cinema novo, estratégias de recorte e imagens de impacto grotescas, o diretor produziu uma obra que possibilita inúmeras interpretações. Ao fundo o discurso de posse de Sarney reitera o próprio discurso da ditadura militar, propondo um "milagre maranhense" que inseriria o estado no projeto nacional-desenvolvimentista elaborado para a nação, como promessas de progresso industrial e econômico, a partir da exploração dos recursos do estado. No documentário o discurso de contrasta com imagens que evidenciam a fome, o subdesenvolvimento e o descaso político com o estado.

Acesse também lendo o *QRcode* com o celular.



Sugestões de leituras

COSTA, W. C. da. O Maranhão será Terra em transe? História, política e ficção num documentário de Glauber Rocha.. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 29, n. 02, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9976>. Acesso em: 22 mar. 2024.

Castro Netto, David Antônio de. **“Nossos comerciais por favor!”: ditadura militar e propaganda no Brasil**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Curitiba, 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Crislane Barbosa; LIMA, Aline Cristina Silva. Leitura e compreensão do mundo na educação básica: o ensino de História e a utilização de diferentes linguagens em sala de aula. *Roteiro*, Joaçaba, v. 36, n. 1, p. 55-80, jan./jun. 2011. Disponível em: https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/791/pdf_117. Acesso em 22 de jan de 2022.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projecto à Avaliação. In BARCA, Isabel, org. **Para uma Educação Histórica com Qualidade: Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Braga: CIEd/Universidade do Minho; Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.

BLANCH, Joan Pagès. As fontes literárias no ensino de história. *OPIS*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 33–42, 2013, . DOI: 10.5216/o.v13i1.19966.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2 ed, São Paulo: Brasiliense, 2003.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SOLÉ, G.; REIS, D.; MACHADO, A.. Potencialidades didáticas da literatura infantil de ficção histórica no ensino de história: Um estudo com alunos portugueses do 6.º ano do ensino básico. *História & Ensino*, Londrina, v. 20, n. 1, p. 7-34, (jan./jun. 2014).

MAIA, G. L. Alumbrar-se: realismo mágico e resistência às ditaduras na América Latina. *ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 371–388, 2016. DOI: 10.21119/anamps.22.371-388. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/92>. Acesso em: 23 mar. 2024.